

## O mundo que se acaba...

*Luís Cruz de Vasconcelos*

Cada um de nós tem o seu próprio mundo.

Formamos nosso mundo pelas coisas e pessoas que giram em torno de nós e esse mundo tem a individualidade de cada qual. Assim, o nosso mundo individual não é o mundo dos outros, embora estejamos todos boiando no Universo...

Meu mundo não é grande, mas vivo feliz, nele. Por temperamento, introvertido, e por ter de abrir uma picada na mata virgem e selvagem da vida, aprendi, muito cedo, a dedicar-me ao trabalho, com responsabilidade, na labuta de um lugar ao sol. Em razão disso, minha diversão sempre foi trabalhar, quer nos dias úteis, quer nos dias não úteis, a princípio por necessidade e, agora, por hábito. Minhas diversões são ocasionais.

Isto me fez descurar de minhas poucas amizades. Frequentei clubes sociais, dos quais de muitos sou sócio proprietário, mas não adquiri o bom hábito das visitas sociais e aos amigos mais diletos. Admiro-os, compartilho de sua amizade, mas não os frequento, senão em acontecimentos fortuitos.

Eis que resolvi viajar no mês de julho, último, ao leste europeu, com Geralda minha esposa de 45 anos de convivência, e quando regresssei fui surpreendido com a notícia da morte de alguns desses amigos, como de outros companheiros de geração. No curto espaço de menos de um mês, na minha ausência, lá se foram para a eternidade, Osmundo Pontes, Mozart Soriano Aderaldo, Cláudio Martins, três grandes intelectuais, Manuel Dias Branco, industrial de renome e grande benfeitor do Ceará, com a implantação de indústrias de projeção nacional, Alberto Costa Sousa e Pedro de Alcântara Maia Ferreira, este na área da família. E há pouco já se fora também Moreira Campos.

De Roma, cheguei a fazer um cartão a Osmundo, que certamente não mais o encontrou. Não conheço ninguém que tenha viajado tanto ao exterior, quanto Osmundo. Viajou por todos os continentes e quer no Rotary, de que fazia parte, quer nos jornais, onde pontificava como jornalista brilhante, dava suas impressões sobre o que julgava de maior curiosidade e relevo. Conheci Osmundo quando ele ainda era muito jovem, ao lado de José Bonifácio e Omar Paiva, na casa deste na Av. Visconde do Rio Branco. Já naquele tempo, demonstrava seus pendoros pelas letras. Antes da doença que o atingiu, era presidente da Academia Cearense de Retórica, que administrou com especial amor. Pertencia a inúmeras entidades culturais e projetou-se nacionalmente e até no exterior, quando presidente do Tribunal Regional do Trabalho, da 7ª Região, oportunidade em que projetou também aquele egrégio Tribunal e promoveu, em Fortaleza, Congresso Internacional Ibero Americano de Direito do Trabalho, com a participação de juristas nacionais e estrangeiros, de renome. Chegou a ser cogitado para Ministro do Superior Tribunal do Trabalho. Osmundo era um gentleman e sabia, como ninguém, galantear e cultivar amizades. Sua morte vai deixar um grande vácuo no campo da intelectualidade cearense.

E o tempo vai passando e o meu mundo vai se acabando...